

GÊNERO, GERAÇÃO E O LUGAR DAS AVÓS: estudo com famílias de bairro popular em Belém

Selma Suely Lopes Machado
Universidade Federal do Pará (UFPA)

GÊNERO, GERAÇÃO E O LUGAR DAS AVÓS: estudo com famílias de bairro popular em Belém

Resumo: O artigo apresenta diálogos teóricos e empíricos sobre família e transversalidades de gênero e de geração, a partir de resultados de pesquisa em bairro popular de Belém-PA. Mostra que as transformações sociais das últimas décadas revelam a composição de novos arranjos familiares no contexto urbano brasileiro, e que várias gerações coabitam o espaço domiciliar nos grupos domésticos extensos, com realce para o lugar das avós na transmissão de bens materiais e de legados, através das práticas de cuidado com netos e netas, estabelecendo trocas de ordem material, afetiva e simbólica, pautadas em obrigações morais entre a parentela e a rede social

Palavras-chave: Família, gênero, geração, legados.

GENDER, GENERATIONS AND THE ROLE OF GRANDPARENTS. Study with families in a popular neighborhood in Belém

Abstract: This article presents theoretical and empirical debates regarding families and transversalities considering gender and generations. This article is based on a research held in a popular neighborhood in Belém in the State of Pará. The social transformations of recent decades reveal the composition of family arrangements in the context of Brazilian cities. Thus, several generations live together in the household space as extended families. Special attention should be given to the role of grandparents within the families regarding the provision, transmission of material goods and the caring of grandchildren. On the basis of family relations, sharing material goods as well as caring are considered symbolic practices within the context of social obligations of parents and social networks.

Keywords: Family, gender, generation, legacy.

Recebido em 31.03.2010. Aprovado em 19.04.2010

1 INTRODUÇÃO

O contexto familiar brasileiro reflete grandes transformações históricas que atravessam diferentes planos da vida social. Nesse sentido, a família coloca em relevo seu papel mediador entre o indivíduo, a sociedade e o Estado, espécie de amálgama das sociabilidades que permeiam as fronteiras entre as esferas pública e privada. Inicialmente, destaco a importância da família no processo de socialização dos indivíduos e na transmissão da herança simbólica, cuja hierarquia de lugares sociais, aliada à autoridade da experiência e dos saberes das gerações mais velhas, pode se constituir referência à função socializadora.

O artigo apresenta reflexões sobre família e os laços de gênero e de geração em famílias extensas de camadas populares, com ênfase para a transmissão de legados pelas avós no circuito de bens do cuidado de netos e netas, frutos de pesquisa de tese de doutorado¹. Em 2007, foram entrevistadas 09 (nove) mulheres residentes no bairro Jurunas, localizado na periferia da orla fluvial de Belém - capital do estado do Pará. Todas cuidavam de crianças e adolescentes entre netos(a) e bisneto(a)s para ajudar seus filhos e, especialmente, suas filhas e noras. Distinguiram essa tarefa entre “olhar e reparar” em tempo parcial, e “criar como filho(a)”, assumindo integralmente o cuidado, a educação e manutenção destas pessoas.

As indicações para entrevista foram obtidas através de pessoas de minha rede social e de contatos pessoais, durante atividades físicas, educativas, ocupacionais e lúdicas em organizações públicas do bairro que visitei. A maioria procede de famílias numerosas do interior do estado e é proprietária do imóvel residencial compartilhado com familiares, entre filhos, filhas, cunhado(a)s e neto(a)s. São casadas, separadas e viúvas, com idade entre 51 e 74 anos, têm escolaridade em nível de ensino fundamental incompleto ou são analfabetas funcionais (sic), com renda de Um sm², decorrente de aposentadorias, pensões, programa Bolsa Família (PBF) e Benefício de Prestação Continuada (BPC). Além de donas de casa, mais da metade vivenciou uma precária inserção no trabalho, seja formal, como operária, ou informal, como doméstica, lavadeira, costureira, cozinheira e feirante.

Outro aspecto interessante na trajetória de algumas avós é a participação em movimentos sociais urbanos na luta pela moradia e a regularização fundiária no bairro, entre os anos 70 e 80. Em razão do brilho, da força, singeleza e do cheiro bom de suas histórias, receberam as seguintes denominações: AMETISTA, 51 anos, cria uma neta; DÁLIA, 58 anos, cria quatro netos; SAFIRA, 64 anos, cria dois netos e repara um neto; AMARILES, 66 anos, cria uma bisneta e ajuda a criar uma neta; ESMERALDA, 66 anos, cria um neto e ajuda a criar mais um casal

de netos; VITÓRIA RÉGIA: 67 anos, cria um neto e criou uma neta; PÉROLA, 71 anos, cria seis netos e dois bisnetos; HORTÊNCIA, 74 anos, cria dois netos e repara mais quatro netos; VIOLETA, 74 anos, criou um neto e ajuda a criar mais um casal de netos.

2 RELAÇÕES FAMILIARES E OS MATIZES DE GÊNERO, GERAÇÃO E CLASSE SOCIAL

Segundo Berger e Luckmann (1966), a socialização é um processo de interiorização da realidade, visto que, é através da primeira socialização que o indivíduo torna-se membro da sociedade. Nesse âmbito, importa realçar o momento da interiorização consagrado à apreensão do outro, do mundo e dos sentidos da realidade social, consolidando o pertencimento à sociedade. Dessa forma, a interpretação de fenômenos, conceitos e relações sociais é mediada pela percepção dos adultos que interagem na socialização infantil, criando referências de *habitus*³ às gerações.

Ao englobar o sistema de disposições duradouras, assimilam-se normas e valores de uma coletividade e da sociedade em geral. Esse aprendizado dá-se através de mecanismos racionais, emocionais e da linguagem, que favorecem a identificação da criança com o outro, a percepção e assimilação de papéis e atitudes de outros, como seus. Porém, a socialização não transcorre de forma linear, visto que novos processos de internalização ocorrem no nível da socialização secundária e do curso de vida.

Ao lado dessas reflexões, deve-se identificar matizes de gênero e de classe social na constituição de identidades e sociabilidades dos sujeitos. Motta (1999, p. 193) adverte para essa transversalidade nas relações sociais que se materializam no cotidiano e na história, assim,

Expressam diferenças, oposições, conflitos e/ou alianças e hierarquias provisórias. Provisórias, porque na dialética da vida os lugares sociais se alteram, as situações sociais desestruturam-se e reconstrõem-se em outros moldes. Do ponto de vista da cada indivíduo ou grupo, isto significa a múltipla pertinência de classe, de sexo/gênero, de idade/geração e de raça/etnia, com a formação de subjetividades e de identidades ou de identidades correspondentes.

A emergência do gênero como categoria analítica alargou o horizonte de apreensão das assimetrias entre os sexos, assim como das relações de poder. É um conceito relacional compreendido como elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos (GOUVEIA, 1995). Assim, homens e mulheres modelam identidades na interface dessa construção social de gênero, permeando a totalidade de suas relações. Nesse debate, a mediação dos traços

socioculturais autoritários e hierárquicos, imbricados no patriarcado e na divisão sexual do trabalho, é realçada no contexto brasileiro.

Os processos de socialização no âmbito doméstico têm uma participação privilegiada, seja na transmissão de valores, seja naturalizando sentimentos, características físicas e comportamentais como atributos femininos e masculinos distintos e hierarquizados. Segundo Sarti (2003), no universo moral dos pobres, os papéis femininos de mãe, cuidadora e chefe da casa, guardiã do afeto e da honra familiar são valorizados socialmente, o homem se destaca no lugar de provedor econômico, de autoridade e chefe da família. Porém, o complexo e contraditório aprendizado social expressa descontinuidades e permanências diante de mútuas influências entre família e sociedade.

A classe social também contribui para matizar a constituição de identidade e sociabilidade, como categoria histórica e analítica inscrita na estrutura das relações sociais funde-se com as demais categorias constituintes da vida social. Destaca-se na compreensão dos fenômenos e do processo de reprodução social, pois, é “uma sinopse de vivências e experiências ou de práticas socializadoras, expressas no conceito de *habitus*” (MOTTA, 1999, p. 195-196). Para Lins de Barros (2000), classe é fundamental para a análise crítica das relações sociais na contemporaneidade, remetendo à posição e à situação dos sujeitos na estrutura social, e à dimensão simbólica das relações entre as classes, inscreve-se num campo semântico e de representações que os sujeitos fazem de sua respectiva posição de classe⁴.

A geração é também relevante e, segundo Mannheim (1952), relaciona-se com o ritmo acelerado das mudanças que se processam no tempo presente. Desse modo, o estudo sobre gerações deveria partir da noção de posição social, uma vez que

ser de uma mesma geração não diz respeito apenas ao fato de indivíduos conviverem em um mesmo momento histórico, mas de estarem em uma posição específica para viver determinados acontecimentos (LINS DE BARROS, 2006, p.19).

Assim sendo, a posição geracional tem sentido fora de um tempo cronologicamente fixado em infância, adolescência, idade adulta e velhice, pois, a dinâmica do curso de vida é um campo aberto às experiências. (DEBERT, 2004)

3 AVESOS DO CUIDADO E TRANSMISSÃO GERACIONAL: o lugar das avós em redes sociais

A sociabilidade da dádiva enriquece a compreensão dessas relações sociais nesse âmbito

intergeracional das redes sociais. A riqueza simbólica e o caráter de universalidade lhe são inerentes como processos que instauram a vida social, como destaca Lanna (2000) ao discorrer sua análise acerca do Ensaio sobre a Dádiva de Marcel Mauss. Refere-se à noção de aliança produzida pela dádiva como o “fio condutor” de relações no plano econômico, no plano moral, político, religioso, jurídico etc, pois, além dos bens materiais, também circulam as pessoas e as “coisas” de valor espiritual, pois,

[...] nele se postula um entendimento da constituição da vida social por um constante dar e receber. Mostra ainda como, universalmente, dar e retribuir são obrigações, mas, organizadas de modo particular em cada caso. Daí a importância de entendermos como as trocas são concebidas e praticadas nos diferentes tempos e lugares, de fato que elas podem tomar formas variadas, da retribuição pessoal à redistribuição de tributos. (LANNA, 2000, p.175).

Segundo Coelho (2006), o sistema da dádiva e seus ritos se faz presente em diferentes sociedades, inclusive nas sociedades modernas e complexas, assentado na lógica da reciprocidade onde deve-se dar, receber e retribuir os bens trocados, desde que sejam trocas distintas das relações mercantis. Entretanto, para Lanna (2000), a lógica da dádiva não exclui a lógica da mercadoria e vice-versa, mas, podem ser complementares. Para Caillé (2002), no entanto, o sistema da dádiva se constituiria numa espécie de paradigma do dom antiutilitário, em oposição à lógica do mercado, no qual a constituição do laço social tem primazia sobre a troca dos bens em si. Refere-se ainda à natureza diversa de bens e riquezas partilhados, ou seja, bens de ordem moral e simbólica como poder, prestígio social e político ao lado de bens espirituais e de pessoas, onde se deve:

Dar, receber retribuir. Pôr em circulação os presentes e os benefícios. Ou também os malefícios, por outro lado. Os penhores de amizade, as irmãs ou as esposas, os filhos, as fórmulas de polidez, as canções, os objetos preciosos ou de luxo, os poemas, os sonhos; os sentimentos, muna palavra, a própria vida. Mas, também as ofensas, as feridas, a morte. Como se sabe, é esta regra social primordial, à qual dá o nome de “tríplice obrigação de dar, receber e retribuir”. (CAILLÉ, 2002, p. 7).

A cadeia estabelecida nesta tríplice obrigação não encerra o ciclo das trocas no sistema da dádiva, porque se estabelece de modo espontâneo e também obrigatório, assinalando o caráter dialético dessas práticas em razão de sua dupla verdade, pois segundo Coelho (2006, p. 29) é “um sistema de trocas voluntário e ao mesmo tempo coercitivo”. A reciprocidade da dádiva costura uma “aliança”

com as reflexões da tese, em analogia aos bens de ordem material e simbólica que circulam nas práticas do cuidado da avós e entre as gerações familiares, forjando relações de troca permeadas pela obrigação moral do dever com a parentela e pela sociabilidade relacional nas redes sociais dos pobres urbanos.

Uma coisa eu estou contando com eles, que não me deixem só! (muitos risos, [...]) Eu lhe perguntei antes o que aprendia com os netos, o que ganha com essa convivência, casa cheia, o que é bom nessa relação?. Às vezes quando estou sozinha eu fico pensando, se eu não tivesse eles, estaria sozinha né? É a solidão. (ESMERALDA).

Desse modo, a pesquisa de campo queria identificar se este circuito das trocas de ordem material e simbólica, como bens do cuidado gerenciado pelas avós, constituem-se práticas de afirmação dos laços de reciprocidade geracional nas redes de parentesco? Observou-se que as narrativas correspondiam de modo afirmativo à questão proposta, matizadas pelas referências de pertencimento à classe, ao gênero e à geração. É o caso, por exemplo: da distinção dos papéis femininos e masculinos na gestão doméstica e na provisão econômica da família; do exercício da autoridade, pautado na própria experiência e no modelo absorvido de sua família de origem. As colocações a seguir podem ilustrar essas percepções.

[...] as contas tudo sou eu que pago, eu sou o homem e a mulher da casa, com a minha pensão [...] (PÉROLA).

[...] Eu às vezes espanco, dou um tapa num, um tapa noutro [...] (silêncio) (Eles brigam muito?) Não, não muito [...] (Coloca de castigo?) Não. (E quando a sua filha está aqui [...]) É, tem vezes que eu não gosto do jeito que ele trata eles, ele gosta de chamar nome (palavrão), eu não gosto de confusão. (DÁLIA).

A experiência de coabitar com a geração mais velha é muito comum, nas camadas populares brasileiras⁵, segundo Peixoto (2000). Esta autora afirma que as noções de avô e avó são recentes na trajetória da instituição familiar, devido à flexibilização da autoridade patriarcal que reduziu o distanciamento afetivo e a hierarquia entre as gerações, alterando os papéis sociais desempenhados pelos avós. Para Vitale (2007), a presença dessas “velhas e novas figuras” no cenário familiar⁶ situa um lugar geracional no exercício de cuidados maternos com os netos, diante da vulnerabilidade material, econômica e emocional entre os sujeitos que lançam mão de suportes materiais e físicos e das trocas intergeracionais para responder às exigências da reprodução social do grupo, em diversos momentos do ciclo de vida familiar, como a moradia compartilhada descrita abaixo:

[...] agora mora eu com os meus, meus filhos todos moram lá, cada qual tem sua casa é. Agora no meu compartimento mora eu com meus dois netos, a minha filha mora em cima com o companheiro dela, outro meu filho A. mora atrás em cima também e o outro L. com a família dele moram pra trás, só. (SAFIRA).

Assim sendo, os novos formatos domésticos acentuam a dimensão simbólica do espaço domiciliar compartilhado por diversos núcleos familiares, em múltiplas tensões e interações constituintes do “idioma de parentesco” nas redes sociais dos pobres, onde a casa e o “quintal” circunscrevem espaços de pertencimento e de interação (GUEDES; LIMA, 2006). A coabitação é uma alternativa de compartilhamento de suportes material, econômico e emocional, pautada na lógica da solidariedade familiar com filho(as), neto(a)s e outros membros da parentela. Os dados empíricos da pesquisa em tela apontaram que a maioria das avós são proprietárias do imóvel compartilhado pela rede social e sustentam a casa ou contribuem com a renda familiar, a despeito de baixos rendimentos provenientes de aposentadorias, pensões e programas sociais (PBF e BPC). Portanto, aliado ao suporte afetivo, de autoridade e referência moral, as novas gerações contribuem decisivamente para a reprodução social do grupo familiar, como demonstram os relatos a seguir:

Eu tenho uma que está com 15 e outro com 13 anos, mas, eu que criei eles não é, que a mãe deles sempre teve muita coisa pra fazer na rua, sempre trabalhou, mas o pouco que eu ganho dá pra gente viver, mais ou menos né? (VIOLETA).

Outro dado relevante diz respeito à maternagem e aos cuidados básicos da casa serem objetos de responsabilidade coletiva e feminina, dentro da sucessão hierárquica das mulheres na rede social (avós, mães, irmãs ou netas mais velhas etc), ensejando a circulação de crianças dentro de um padrão legítimo de relação com os filhos, de constituição de vínculos maternos e de trocas contínuas (FONSECA, 2004, SARTI, 2007). As crianças circulam como bens de valor imaterial, reatualizando alianças similares ao sistema da dádiva, referido anteriormente.

As avós se destacam na maternagem, na socialização infantil e nas práticas educativas cotidianas para a internalização de saberes e práticas sociais, e segundo Lins de Barros (1987), em razão de sua experiência, autoridade e do vínculo afetivo. Szymanski (2007) assinala que as trocas afetivas na família imprimem marcas significativas nas pessoas e que estas se projetam por longo tempo, e, também, para as novas famílias em formação. Para Vitale (2007), o papel das avós na transmissão da herança simbólica integra os legados geracionais.

Assinala que a figura da avó habita nosso imaginário, estabelecendo importante elo entre as gerações, pois atua no processo de transmissão da história e da memória familiar, revela um tempo particular e também coletivo em relação a esse grupo, portanto,

[...] as relações intergeracionais e de gênero se compõem do tecido para se pensar a condição de avô(ó). Estas constituem espaços de confronto e de conflitos, mesmo quando permanecem com sistema de suporte mútuo e locus de mecanismos de solidariedade familiar (Vitale, 1995). Os avós são personagens em movimento na cadeia das gerações, mas talvez permaneçam em nossa memória como figuras cristalizadas em determinado momento do percurso [...] (VITALE, 2007, p.104).

Nesse contexto, Vitale (1997, p. 90) diz “se a família pode ser vista como unidade básica no processo socializador, as relações intergeracionais permitem apreender o movimento da socialização, ou seja, sua dimensão temporal”.

Para esta, em nosso percurso de vida nos confrontamos com situações, encontros e acontecimentos que se tornam fonte de transmissão e de transformação daquela realidade interiorizada na infância. Portanto, o exame do processo de socialização deve focar as relações entre as gerações na família, destaca a autora.

4 CONCLUSÃO

Para concluir, as narrativas da pesquisa de campo, em Belém, identificaram a constituição de laços de gênero, de geração e um padrão de sociabilidade relacional. Dentre os *Laços de gênero*, percebem-se alianças na hierarquia de posições sociais no parentesco, vínculos de proteção, cumplicidade, reconhecimento e gratidão, trocas de bens materiais e simbólicos que fortalecem o lugar da maternidade e de outros “atributos femininos”. Os *Laços de geração* permeiam alianças com netos e filhos na expectativa de proteção, carinho, toque e cuidado masculinos, resignificando a experiência de abandono e negligência amorosas, especialmente por parte de companheiros e de seus pais biológicos. Os fragmentos de narrativas, a seguir, exemplificam as considerações do estudo.

[...] ele não queria aceitar e aí o que eu fiz? Eu e meu filho mais velho, o segundo também ficou aborrecido, eu disse: olha vou lutar ao lado da minha filha porque se não for eu quem vai ajudar? Aí eu fiquei do lado dela, levava ela pro médico, todas as consultas eu ia com ela lá na Stª Casa [...]. (AMETISTA).

[...] com esse mesmo que mataram, eu tinha muito amor com ele. Olha, depois que mataram ele eu não viajei mais, porque eu só viajava com ele. Ele cuidava muito de mim [...] Não, é o terceiro, era ele e um outro que mora lá para Benevides, era muito ligado em mim. (SAFIRA).

[...] me dou bem. Esse de 17 anos, ele não me larga. Ele não pode me ver chorar, ele quer saber por que, se, ele não pode me ver dizer: eu não quero comer! ele quer saber por quê? Ele é o mais carinhoso comigo. (DÁLIA).

Entre os bens simbólicos, identifico que a transmissão de legados espelha referências morais no contexto das trocas geracionais e das relações familiares. Nesse sentido, os valores de *Família, Honra, Trabalho e Estudo*, além de *Fé* e a força das Lutas ganham destaque na narrativa das avós, articulando noções e imagens subliminares à linguagem e ao código moral de suas redes sociais, visto que são imbricados na dialética das partilhas cotidianas e na lógica da solidariedade que instituem o sentido da família e os modos de pensar e agir desses sujeitos, seu *habitus*, como ilustram as narrativas e as reflexões analíticas, abaixo:

□ FAMILIA: relacionado principalmente à convivência, às trocas e partilhas, aos valores de respeito, confiança, afeto, obediência, gratidão, pertencimento, solidariedade e cuidado mútuo.

É uma coisa muito boa a gente ter a família da gente não é, de repente adocece e tem alguém para acudir não é, estar ali todos juntos. Graças a Deus os meus, eu moro na frente, eles moram atrás... faz as coisas, um varre a casa, ou lava a louça, outro cozinha, a gente é assim, outro vai pro médico comigo, e assim, a gente vai levando, graças a Deus! nunca ninguém me abandonou, porque tem família por aí, que para se ver, só de ano a ano. A minha irmã daí também vem. (VITÓRIA RÉGIA).

□ TRABALHO E HONRA: articulam-se na (re)constituição de uma identidade social e de imagem/estigma de pobre; estão relacionados à honestidade, responsabilidade e senso de dever, além do orgulho, imprimindo reconhecimento social.

Só que eles não gostam que eu conte, principalmente, os homens, que eu conte que eu trabalhava. Mas, não é vergonha trabalhar como doméstica. Pra mim é orgulho”. “Então eu tenho esse orgulho de dizer que eu cheguei a trabalhar em três casas de família. Eu trabalhava 2ª e 3ª numa, 4ª e 5ª noutra, na 6ª e sábado noutra, mas, eu nunca vendi o meu corpo para criar meus filhos, Graças a Deus! [...]. (AMARÍLES).

□ O valor do estudo como um projeto de “ser alguém na vida”: alarga o “campo de possibilidades” com oportunidades de emprego, trabalho e renda, e da consequente melhoria das condições materiais de vida para todos da coletividade.

Eu quero que eles estudem não é, para ser alguém na vida, não é, assim como eu ajudei eles, eu quero que eles me ajudem, já perdi mais de [...] hoje em dia, aquele que não tem um estudo, não tem um emprego que preste. (DÁLIA).

□ O LEGADO DA FÉ: reconhece a mediação cotidiana do poder divino; projeta valores éticos, de justiça, gratidão, igualdade e direitos num campo diverso da lógica da cidadania, pois é forjado pela filiação divina.

Tu vais trabalhar aí pra nós, até Deus abrir a porta de um emprego pra ti, porque estás desempregado e precisa de ajuda [..]. (SAFIRA).

E eu não tenho dinheiro, a única coisa que eu tenho é essa casa. Ai eu vendo essa casa e dou para a policia ... a policia vai e prende o assassino. Passa um mês, dois meses, a família do assassino puxa mais dinheiro e dá para eles e aí, aonde é que fico com meus netos, vou para baixo da ponte... não pode não é! Eu entrego na mão de Deus, a justiça do céu tarda, mas, não falha! Um dia a justiça será feita!. (DÁLIA).

□ O EMBLEMA DAS LUTAS; articula-se à força da fé e conclama o valor das lutas e do sacrifício individual e coletivo, alimentando o circuito de dar, receber e retribuir os bens como dádivas divinas; é realçado nos desafios e nas vitórias da sobrevivência cotidiana.

[...] Tem 20 anos que eu moro aqui [...] lutamos e nós construímos aqui, é Graças a Deus! [...].

Só que eles não gostam que eu conte, principalmente, os homens, que eu conte que eu trabalhava. Mas, não é vergonha trabalhar como doméstica. Para mim é orgulho! Então eu tenho esse orgulho de dizer que eu cheguei a trabalhar em três casas de família. Eu trabalhava 2ª e 3ª numa, 4ª e 5ª noutra, na 6ª e sábado noutra, mas, eu nunca vendi o meu corpo para criar meus filhos, Graças a Deus! [...]. (AMARÍLES).

Assim sendo, na percepção dessas gerações de avós, da pesquisa, os valores de família, fé, honra e trabalho, além do valor do estudo e a força emblemática das lutas se fundem no jogo de representações e de práticas sociais no circuito das trocas, na transmissão de sua herança simbólica e nas estratégias de sobrevivência em face de lutas

cotidianas. Nesse jogo, articulam-se o papel de provedoras familiares e da autoridade moral no cuidado de neto(a)s, assegurando-lhes poder e prestígio sobre a rede social, além do resgate de um papel feminino na gestão doméstica. Por conseguinte, conferem-lhe legitimidade à transmissão desses legados, reatualizando os processos de socialização, de reciprocidade e obrigações no universo moral e relacional de camadas populares no cenário urbano de Belém, onde é significativo reconhecer que:

a sociabilidade urbana pode escapar aos seus intérpretes, nas faculdades; ou aos seus vigias, nas delegacias de polícia. Mas não aos atores ativos do drama, sobretudo, quando para prosseguir vivendo, são obrigados a lutar todos os dias. (SANTOS, 2006, p. 132).

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L.; LUCKMANN; Thomas. **A construção social da realidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1966.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

CAILLÉ, Alain. **Antropologia do dom: o terceiro paradigma**. Tradução Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2002.

COELHO, Maria Claudia. **O valor das intenções: dádiva, emoção e identidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

COUTINHO, Maria Lucia R-. Transmissão geracional e família na contemporaneidade. In: Lins DE BARROS, Myriam M (Org.). **Família e Gerações**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

DEBERT, Guita. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2004.

FONSECA. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre. Ed. UFRGS, 2004.

GOUVEIA, Taciana, **Gênero e cotidiano**. Recife, 1995. Mimeografado.

GUEDES, Simone; LIMA, Michele da Silva Casa, família nuclear e redes sociais em bairros de trabalhadores. In: LINS BARROS, Myriam M (Org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2000: características da população e dos domicílios** – resultado do universo. Rio de Janeiro, 2001.

LANNA, Marcos. Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. **Revista Sociologia e Política**. Curitiba, n. 14, 2000.

LINS DE BARROS, Myriam M. **Autoridade & afeto**: avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

_____. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: **Velhice ou terceira idade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

_____. Velhice na contemporaneidade. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004 .

_____. Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. In: **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

MANHEIM, Karl. **Sociologia do conhecimento**. Porto: Ed. Ris, 1952. v. 2.

MOTTA, Alda Britto da. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. In: DEBERT, Guita (Org.). **Gênero em gerações. Cadernos PAGU**, n. 13, Núcleo de Estudos de Gênero. Campinas: UNICAMP, 1999.

PEIXOTO, Clarice et al. Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais. In: _____. **Família e individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

SARTI, Cyntia **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Famílias enredadas. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália. (Org.). **Família, redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

SZYMANSKI, Heloisa. Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 71, 2002.

_____. Ser criança: um momento do ser humano. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália F. (Org.). **Família, redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

VITALE, Maria Amália. Socialização e família: uma análise intergeracional. In: CARVALHO, M. do C. B. (Org.). **Família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC; Cortez, 1997.

_____. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália (Org.). **Família, redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

WANDERLEY, Mariangela Belfiore. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas de exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

NOTAS

1 A tese de doutorado intitula-se “O legado das avós e os bens do cuidado. Estudo sobre família, gerações e redes sociais em bairro popular de Belém-PA” defendida em 2008 no Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade de Federal do Rio de Janeiro.

2 O valor do salário mínimo na época da pesquisa era de R\$ 350,00

3 O conceito de habitus desenvolvido por Pierre Bourdieu, de modo sintético, corresponde a um princípio gerador e unificador, traduzido pelo conjunto de escolhas (tomada de posição), de posições pessoais (conceito relacional) de bens, de um estilo de vida (ethos) de práticas que conformam as disposições (lógicas de ação) relacionadas à categoria classe social (BORDIEU, 2000 e 2004, BONNEWITZ, 2003).

4 Bourdieu (2004) inclui a noção de capitais como os bens pertinentes à posição de classe social e que interagem em todas as esferas da sociedade, ou seja, bens ou capitais de ordem econômica, cultural, social e simbólica.

5 Segundo Peixoto (2000), em razão do sistema de seguridade social público, com o baixo rendimento de aposentadorias e pensões e a precária rede de saúde e assistência social que leva muitos pais viúvos e idosos a residirem com os filhos. Há também situações de instabilidade financeira ou emocional fazendo com que filhos adultos retornem ou até permaneçam no mesmo espaço domiciliar.

6 Idéia de família refere-se a um grupo de pessoas que moram juntas e comprometem-se com o cuidado mútuo entre as gerações, segundo Sysmasnki (2002).